

Kinoscópio apresenta

EM BUSCA DE

IARA

UM FILME DE **FLAVIO FREDERICO E MARIANA PAMPLONA**

É Tudo Verdade 2013
Menção Honrosa

Festival do Rio 2013
Première Brasil – Retratos

Festival de Havana (Cuba) 2013

**Festival Internacional de Programas Audiovisuais de Biarritz – FIPA
(França) 2014**

Festival Internacional do Uruguai 2014

Pressbook



SINOPSE CURTA

Partindo de uma investigação pessoal de sua sobrinha, Mariana Pamplona, o filme resgata a vida da guerrilheira Lara Lavelberg. Formada em Psicologia, culta e bela, Lara deixou para trás uma confortável vida familiar para engajar-se na resistência armada à ditadura militar. Vivendo na clandestinidade, conhece o ex-capitão Carlos Lamarca, com quem vive uma intensa paixão até o assassinato de ambos, em 1971. Com cuidadosa pesquisa de documentos, imagens de arquivo e entrevistas, o documentário reconstrói a vida de Lara e desmonta a versão oficial do regime, que atribui sua morte a um suicídio.

SINOPSE

2003. Após uma longa e cansativa disputa judicial, a família de Lara Lavelberg consegue o direito de exumar o corpo da guerrilheira para provar que sua morte, ocorrida em 20 de agosto de 1971, não decorreu de um suicídio conforme forjado pela ditadura militar, mas sim de um assassinato cometido pelos órgãos de repressão.

Lara nasceu em São Paulo em 1944 numa família judia. Ingressou no curso de Psicologia da USP em 1963, quando este ainda estava incorporado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na rua Maria Antônia, centro de agitação política. Cativou os amigos e companheiros de militância com sua inteligência, formação política, carisma e simpatia. “O sorriso dela não era de charminho nem convencional ou de estereótipo. Ela sorria inteira, alma e corpo. Havia uma alegria nela da qual o sorriso era a expressão”, lembra o filósofo João Quartim de Moraes.

Teve atuação destacada no movimento estudantil, presidindo a AUEPE (Associação Universitária dos Estudantes de Psicologia), o centrinho, atual Centro Acadêmico Lara Lavelberg da USP. Militou inicialmente na POLOP (Organização Revolucionária Marxista – Política Operária), migrando posteriormente para a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro). É quando conhece Carlos Lamarca, o capitão que desertou do Exército para ingressar na resistência armada à ditadura. Surge uma intensa paixão que duraria até o assassinato brutal de ambos, mas permaneceria na memória por meio dos diários de Lamarca.

Tomando como ponto de partida a investigação de Mariana Pamplona para recuperar o passado da tia, o documentário *Em Busca de Lara* reconstrói a vida da guerrilheira em todas as suas facetas. Apoiando-se numa cuidadosa e extensa pesquisa de documentos e imagens, além de entrevistas com os protagonistas da vida de Lara e do Brasil na virada da década de 60, o filme desmonta a versão oficial do suicídio e dá sua contribuição para que revisitemos nosso passado, desmascarando as atrocidades cometidas no período da ditadura militar (1964-1985).

CONTEXTO POLÍTICO E HISTÓRICO: ALGUMAS DATAS IMPORTANTES

25 de agosto de 1961: Jânio Quadros renuncia à presidência. Assume o vice João Goulart

Março de 1963: aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural, que representa um avanço nas Reformas de Base de

Jango

31 de março de 1964: Golpe Militar

1966: Funda-se a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), que une os dissidentes da POLOP e do MNR. Três anos depois ela se juntaria a integrantes da COLINA e daria origem à VAR-Palmares

Abril de 1967: guerrilheiros de Caparaó são presos

26 de junho de 1968: Passeata dos 100 mil protesta contra a ditadura

2 e 3 de outubro de 1968: Batalha da Maria Antônia

13 de dezembro de 1968: baixa-se o Ato Institucional nº5

4 de setembro de 1969: o embaixador americano Charles Elbrick é sequestrado por militantes da ALN (Aliança Libertadora Nacional) e do MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro)

4 de novembro de 1969: morre Carlos Marighella

20 de agosto de 1971: morre Iara Iavelberg

17 de setembro de 1971: morre Carlos Lamarca

Dezembro de 1973/início de 1974: aniquilação da Guerrilha do Araguaia

25 de outubro de 1975: morte do jornalista Waldmir Herzog

FICHA TÉCNICA

Formato de captação: FULL HD / DVCPRO HD / 16mm / DVCAM

Formato de finalização: 35mm / FULL HD 2K

Duração: 91 minutos

Cor: Colorido

Som: Dolby Digital

Produtora: Kinoscópio Cinematográfica

EQUIPE

Direção: Flavio Frederico

Argumento e Roteiro: Mariana Pamplona

Produção: Flavio Frederico e Mariana Pamplona

Direção de Fotografia: Carlos André Zalasik

Som direto: Gabriela Cunha

Entrevistas e locução: Mariana Pamplona

Fotografia adicional e produção executiva: Flavio Frederico

Montagem: Vítor Alves Lopes e Flavio Frederico

Pesquisa iconográfica: Remier Rocha

Pesquisa histórica: Mariana Pamplona e Flavio Frederico

Trilha sonora original: Jonas Tatit

Edição de som e mixagem: Pedro Noizyman

Design e animação: Rodrigo Pimenta



O DIRETOR – FLAVIO FREDERICO

Nasceu em 1969, no Rio de Janeiro. Estudou Arquitetura e Cinema na USP. Realizou quatro curtas-metragens premiados em festivais nacionais e internacionais como *Todo Dia Todo* (1998) e *Copacabana* (1999), antes de estrear na direção de um longa-metragem com *Urbania* (2001). Dirigiu, na sequência, outros dois curtas, *Ofusca* (2002) e *Red* (2005), antes de concluir seu segundo longa, o documentário *Caparaó* (2006), vencedor da competição brasileira do festival É Tudo Verdade. Em 2012 estreou como diretor de ficção em longa-metragem com *Boca*, premiado como Melhor Direção, Atriz, Trilha Sonora e Direção de Arte no Cine PE em 2012 e Melhor Fotografia e Montagem no Festival do Rio em 2010.

ENTREVISTA – FLAVIO FREDERICO

Como se deu a parceria entre você e a Mariana para a realização do filme?

Por volta de 2005 a Mariana me contou da história da sua tia Lara e pouco tempo depois aconteceu o final da exumação e o enterro dos restos mortais da Lara. Depois que os resultados da perícia mostraram que não foi suicídio, segundo os costumes judaicos ela iria ser retirada da ala dos suicidas do cemitério e ser enterrada próximo à família. Sugeri gravarmos este momento e, mesmo que não desse em nada, ao menos serviria como pesquisa.

Fomos para lá com duas câmeras e gravamos. A partir dali começamos a desenvolver essa história, fizemos um ou dois depoimentos naquele ano e a partir do ano seguinte ficou forte a ideia de fazer o documentário, centrado inicialmente na questão da morte dela. Aos poucos, ano a ano, captando depoimentos e muito material juntos, naturalmente desenvolvemos essa relação profissional. Produzimos o filme juntos, eu dirigindo e ela conduzindo as entrevistas, e aos poucos ela foi virando personagem do filme.

Você encontrou dificuldades para acessar os arquivos públicos para a pesquisa? Quais foram suas principais fontes?

Nunca pesquisar no Brasil é uma coisa fácil, pois são poucos acervos e poucos os arquivos abertos. O que está aberto é fácil de acessar, mas é preciso paciência porque são velhos, não estão digitalizados. Passamos pelo Arquivo Nacional e Arquivo do Estado de São Paulo: os dois tinham muitos documentos e fotos do DOPS. O Arquivo Municipal do Rio de Janeiro também tinha muita coisa do acervo do DOPS. Tivemos de contar também com a boa vontade dos entrevistados que mexeram em seus arquivos pessoais.

Investigamos também todos os livros que tocavam no assunto e tudo que saiu na imprensa da época. É interessante a evolução das matérias, pois Lara morre, mas continua viva na memória. No caso dos arquivos da Polícia e do Exército foi muito difícil, nós não conseguimos. Por sorte, os documentos mais importantes como o rascunho do laudo feito por Charles Pitex, apareceram durante o processo da exumação. Sabíamos da existência, por isso insistimos. Finalmente apareceram no Arquivo Nacional de Brasília quando aconteceu uma das liberações de documentos secretos. Pegamos um momento oportuno, mas se tivéssemos de finalizar o documentário um ano antes...

Quais foram os documentos e fatos mais importantes que você descobriu na pesquisa?

A verdade é que a pesquisa nunca parou e o filme ia sempre mudando na ilha de edição. *Em Busca de Lara* tem essa faceta de documentário histórico que é desvendar um mistério. Aos poucos quando se vai tomando conhecimento de algumas coisas vão caindo outras teorias. Os livros que falam sobre a Lara, o filme ficcional do Lamarca etc tem como principal erro a questão do suicídio, que foi forjado. Esse era um mote muito importante, uma força do documentário, mas não poderia se resumir a isso. Era importante trazer também a história da própria Lara, a vida antes da morte.

Houve um momento já no final do processo que finalmente tivemos acesso a uma série de documentos citados em livros, mas nunca vistos, uns documentos da polícia da Bahia, onde Lara morreu. Chegou para nós uma caixa com umas 800 páginas de documentos secretos. Um pesquisador e eu descobrimos várias coisas, a principal delas é a história do menino que voltou ao apartamento por acidente, deu de cara com a Lara e contou para a polícia que fazia o cerco. Antes de chegarmos aos documentos pensávamos que isso era uma invenção dos militares, pois ninguém tinha ouvido falar dele, a proprietária do apartamento onde a Lara foi morta também se confundia com datas... ou seja, na nossa pesquisa tínhamos de ir filtrando as contradições e dúvidas.

Porém apareceu esse documento que tinha o nome do rapaz. A Mariana foi atrás dele, que prometeu a entrevista, mas refugou, por medo. De todo modo ficou provado que ele existia. Nas conversas por telefone conosco ele confirmou exatamente o que estava no documento, com outras palavras e naturalidade, não estava lendo, pois deu detalhes que faziam sentido. Aí mudou totalmente a interpretação de diversos depoimentos, tivemos de remontar o filme em função disso.

O único registro em vídeo da Lara é um conjunto de 30 fotogramas, ou seja, pouco mais de um segundo, do curta *Universidade em Crise*, de Renato Tapajós, em que ela aparece de relance. Como foi a pesquisa de imagens para o documentário e com que critério você decidiu usá-las no filme?

Eu trabalhei essa imagem num VHS que o Tapajós tinha me dado anos atrás. Quando chegou a versão em alta resolução do curta eu berrava: parece 3d! [risos]. Eu estava acostumado com a imagem em baixa qualidade e de repente vejo o rosto da Lara límpido ali.

Na nossa cabeça conseguimos compor a Lara, baseado em tudo que as pessoas falavam, as fotos, o que a gente sabia, como a irmã da Lara a descrevia. Quando vi as imagens em movimento do curta, aqueles fotogramas condizem muito com a Lara: a imagem fugidia, o olhar sedutor ao mesmo tempo de querer alguma coisa, um encantamento. Ela era uma pessoa muito viva e isso está ali. O João Quartim de Moraes fala do sorriso dela, que ela sorri inteira, e isso está nas fotos também.

De que maneira ter feito *Caparaó*, documentário sobre a primeira tentativa de guerrilha de resistência à ditadura, te ajudou no processo de *Em Busca de Lara*?

Quando comecei a fazer *Caparaó*, por ser minha primeira imersão no assunto ditadura, fiz uma pesquisa muito grande, mais ampla. Os depoimentos são enormes, pois queria entender tudo desde 1951. Tive a chance de entrevistar as pessoas do Exército, ainda que isso não esteja no corte final, mas compreendi todo o contexto. E coincidiu com a época que foram saindo outras coisas, outros filmes, os livros do Elio Gaspari [*A Ditadura Envergonhada* e *A Ditadura Escancarada*], tudo isso me deu mais estofo.

Ter feito *Caparaó* me deu uma segurança muito maior para compor a trajetória política e histórica no novo filme. Ao mesmo tempo eu era guiado pelo desejo de fazer um outro filme, sem repetir linguagem. Nesse sentido, encontrar a Mariana como personagem foi maravilhoso. Quando caiu essa ficha e se delineou a diferença entre os dois filmes, aí sim me senti tranquilo para trazer coisas que funcionaram no *Caparaó*, como a profusão de imagens de arquivo, utilizadas mais no sentido alegórico, de composição de universo, do que no rigor cronológico, ainda que ele exista.

De que forma você acha que o filme pode contribuir para uma revisão do obscuro legado deixado pela ditadura?

Penso que *Em Busca de Lara* contribui diretamente ao recontar uma coisa que estava mal contada. No caso da guerrilha de Caparaó pouca gente sabia como aconteceu e tinha várias versões, mas ao ir fundo na história não surgia nenhuma grande mentira, faltavam só os dados. No caso da Lara existia uma mentira, quase um segundo Herzog [tal como Lara, o jornalista Wladimir Herzog foi assassinado, mas o regime opressor forjou um suicídio, desmascarado anos depois]. Essa força desde o início esteve presente neste projeto e acho essa é uma grande contribuição porque o filme desmascara a versão do suicídio. O filme serve de documento imediato de revisão da história.



A ROTEIRISTA – MARIANA PAMPLONA

Nasceu em São Paulo. É formada em Filosofia pela USP, com mestrado em Multimeios, na área de Roteiro, pela Unicamp. Trabalha como roteirista desde 2005, com destaque para a parceria com Flavio Frederico nos filmes *Campos Elísios* (2006), *Caparaó* (2006), *Quilombo, do Campo Grande aos Martins* (2008) e *Boca* (2012). *Em busca de Lara* (2013) é seu primeiro trabalho também como produtora.

ENTREVISTA – MARIANA PAMPLONA

O filme foi feito em várias etapas numa longa jornada. Conte como foi o processo, da ideia até o corte final?

Tivemos a ideia de fazer o filme um pouco antes de 2006, quando o resultado da exumação do corpo da Lara provou que a versão do suicídio propagada pela ditadura militar era fraudulenta. A família iria enterrar seus restos mortais e tivemos a ideia de registrar isso. Como sou roteirista, já tinha pensado em fazer um filme sobre a Lara.

Desde o começo buscava realizar um filme que desvendasse e destrinchasse com a maior quantidade de detalhes possível o que aconteceu com a Lara no final da vida dela, essa parte em que ela entra na clandestinidade, conhece o Lamarca, vai para a Bahia etc. Queria entender com profundidade o passo a passo, saber os detalhes.

Na metade do processo revimos as imagens que filmamos e nos deparamos com a questão: quem é a Lara? Estávamos até então desvendando um crime, um assassinato, para entender melhor, conversando com as pessoas que presenciaram essa parte da história. Inclusive porque é uma parte da história que nos livros está muito mal contada, pois embarcaram na versão do suicídio.

Então desconstruir essa versão e desvendar o mistério foi um desejo que sempre te acompanhou?

O filme não quer apenas provar que a hipótese do suicídio é irreal, mas mostrar como aconteceu e como foi construída essa versão que ainda causa confusão nas pessoas. A necessidade de contar melhor a história de Lara vinha porque os livros estavam fora de sintonia com a realidade. Senti a necessidade de buscar a Lara antes de se envolver com política ou até mesmo o começo desse envolvimento. Procuramos amigos, namorados e companheiros de militância para recontar também o contexto político e cultural.

Como foi a recepção das pessoas que fizeram parte da vida dela ao seu pedido de entrevista e ao próprio projeto do filme?

Impressionantemente bem. Talvez por eu ser sobrinha da Lara eles falaram coisas e se emocionaram de um jeito que, não fosse eu parente, poderia ser diferente. Deram entrevistas longas, sentidas, quase todas choraram, foi uma coisa forte. Para mim foi muito forte fazer esse filme, pois recebi uma carga emocional das pessoas, vi o quanto a Lara era

importante para elas.

Você nasceu e cresceu durante a ditadura militar e é sobrinha de uma guerrilheira. Na sua infância e adolescência, o que você sabia da lara?

Na infância eu me lembro de pouquíssima coisa, era muito pequena. Só sabia que a tia lara morreu e que meus dois tios (Samuel e Raul) tiveram de se exilar, primeiro no Chile e depois na Europa. Só voltaram ao Brasil depois da anistia, ou seja, eu só os conhecia por fotos. Quando voltaram fui ao aeroporto recebê-los. Aquilo foi muito forte, percebi a tensão da minha vó, que estava sem ver filhos há muitos anos. Lembro que foi um dia muito emocionante a volta do exílio, mas eu não entendia muito bem o que era aquilo.

O que sei também é que minha vó lamentava muito o fato de a lara não ter saído do país. Ela conta uma história de que a última vez que encontrou com a lara, já disfarçada e na clandestinidade, foi numa pizzeria. Minha vó carregou um monte de dinheiro numa bolsa e queria dar para a lara fugir, mas ela se negou. Minha família vivia vigiada, minha mãe morria de medo de perseguição. Tanto que eu não tenho o sobrenome levelberg por medo de represálias.

E quando acontece a exumação surge o gancho que reacende o desejo de fazer um filme...

Naquele período começa a se questionar fortemente a versão do suicídio. Antes, ninguém sabia. Claro que muitos desconfiavam. Quando surgiu o depoimento do cara que disse que atirou na lara aí a coisa mudou de figura [em entrevista ao jornal *O Globo*, o médico-legista Lamartine Lima afirmou ao jornalista Bernardino Furtado em julho de 1996 que teria ouvido da boca de Rubem Otero, segundo sargento do Corpo de Fuzileiros Navais, na época à beira da morte, que teria sido ele o autor do disparo que matou lara].

Uma das forças do filme é que você se assume como personagem e passaporte para o acesso a essa história. Em que momento decidiu-se que você seria também uma personagem?

Essa possibilidade foi acontecendo naturalmente durante processo. Ao princípio era o contrário, a gente não sabia direito o caminho. Conforme fomos assistindo às imagens e percebendo o envolvimento dos entrevistados comigo, o filme foi virando essa presença. Poderia ter sido montado de um jeito que eu quase não aparecesse. Com o tempo vimos que fazia todo o sentido me colocar ali, presente, e que isso poderia criar um outro tipo de filme, de busca pessoal, mais contemporâneo. Já as narrações em *off* entraram na montagem para preencher certos trechos em que sentíamos a falta de explicação de um detalhe para o público.

Os que foram próximos à lara te receberam de braços abertos. Mas e com os algozes dela, como foi feito o contato?

Houve muito jogo de cintura para conseguir e acho que essa tensão está evidente no filme. Em vários momentos queria rebater um argumento, morria de vontade de falar, intervir, mas tinha de ser muito contida para conseguir o depoimento, como no caso do Lamartine Lima.

Até mesmo quem não estava do lado da ditadura, mas foi coadjuvante no episódio que resulta na morte da lara, ainda tem medo de falar. Caso da dona do apartamento onde minha tia foi morta, que titubeou em nos receber, ou o próprio garoto que, segundo os documentos da polícia, teria contado aos militares que lara estava escondida no banheiro do apartamento vizinho. Ainda hoje esse medo persiste.

De que forma você acredita que *Em Busca de lara* pode contribuir para discutirmos o nosso passado recente?

O filme já teve uma contribuição imediata que foi o depoimento meu e do Flavio Frederico na Comissão Estadual da Verdade de São Paulo. Além disso, penso que o filme atinge também os jovens que não sabem muito do que se passou na ditadura, mas se emocionam ao tomar contato com a história da lara. Sem contar que o nosso filme fica como um documento para que as atrocidades do passado não se repitam, além de esclarecer definitivamente que lara não se suicidou, mas foi morta pelo regime militar. Seria fundamental que outras histórias como a dela fossem recontadas em filmes e livros.



PRODUÇÃO – KINOSCÓPIO

Atuante desde 1998, a Kinoscópio, produtora de Flavio Frederico e Mariana Pamplona, tem em seu curriculum a produção e co-produção de cinco curta metragens e cinco documentários premiados internacionalmente. Lançou três longas no circuito comercial: “Urbana”, com pré estréia no festival de Rotterdam 2001; “Caparaó”, o grande vencedor do festival É Tudo Verdade 2006 e, em 2012, o longa metragem “Boca”. Laureado com uma Menção Honrosa no É Tudo Verdade 2013, *Em Busca de Iara* é o mais recente projeto da produtora.

ATENDIMENTO À IMPRENSA – FOCO JORNALÍSTICO

Regina Cintra / Foco Jornalístico
(11) 3023.3940 / (11) 3023.5814 / (11) 9 9169.2312
regina@focojornalístico.com.br
www.focojornalístico.com.br